



## A CONSTRUÇÃO DE VÍDEOS AUTORAIS COMO RECURSO DIDÁTICO NO ENSINO DE GEOGRAFIA

Dexter André Santos da Gama /dexgama22@gmail.com/IFPA

**Agência Financiadora:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

## THE CONSTRUCTION OF COPYRIGHT VIDEOS AS A RESOURCE OF EDUCATION IN GEOGRAPHY EDUCATION

### RESUMO

Este artigo foi elaborado a partir das atividades de pesquisa, ensino e extensão desenvolvidas pelo Programa de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, realizado entre o Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará – IFPA/Curso de Geografia na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Lauro Sodré, localizada no bairro do Marco em Belém do Pará. O objetivo do mesmo foi o de relatar as práticas desenvolvidas no ensino de Geografia, a partir do uso das tecnologias, como o uso do celular, enquanto uma ferramenta didático-pedagógica na produ o dos saberes geográficos, envolvendo alunos no processo de constru o do conhecimento. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica a edi o de vídeos, além da análise de um questionário avaliativo inserido aos discentes ao final do projeto, a fim de perceber o envolvimento e aprendizado dos alunos mediante o desenvolvimento da metodologia. Verificamos grandes avanços nos aspectos associados a aprendizagem dos conteúdos geográficos, como também observamos respostas positivas no que tange ao envolvimento e motiva o dos alunos ao produzir esses trabalhos.

**Palavras-Chave:** Tecnologias digitais, Ensino de Geografia, Recurso didático.

### ABSTRACT

This article was elaborated from the activities of research, teaching and extension developed by the Program of Initiatives to Teaching - PIBID, carried out between the Institute of Education, Science and Technology of Par  - IFPA / Course of Geography in the State School of Elementary Education and Lauro Sodr , located in the district of Marco in Belém do Par . The objective was to report the practices developed in the teaching of Geography, from the use of technologies, such as the use of the cell phone, as a didactic-pedagogical tool in the production of geographic knowledge, involving students in the process of knowledge construction. The methodology used was to bibliographical

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Inicia o a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



research the edition of videos, besides the analysis of an evaluation questionnaire inserted to the students at the end of the project, in order to perceive the involvement and learning of the students through the development of the methodology. We found great advances in the aspects associated with the learning of geographic contents, as well as positive responses regarding the involvement and motivation of students in producing these works.

**Keywords:** Digital technologies, Geography teaching, Didactic resource.

## 1. Introdução

Vivemos hoje em um tempo único na história humana, onde estão cada vez mais presentes no dia a dia das pessoas as tecnologias como: computador, smartphones, tablets e claro a internet de alta velocidade. Junto a essas tecnologias temos também a chegada e desenvolvimento das grandes redes sociais, como o Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp.

O ensino e mais especificamente o de geografia não está alheio aos impactos deste contexto. O momento propõe uma mudança atitudinal dos docentes ao buscar metodologias inovadoras que visem envolver e despertar o interesse dos alunos para a aprendizagem dos conteúdos de Geografia, pois segundo Libâneo (2014) a necessidade da aprendizagem escolar, com a ajuda pedagógica do professor, está justamente na capacidade de introduzir os alunos nos significados da cultura e da ciência por meio de mediações cognitivas e interacionais.

Com base na observação de uma turma do 1º ano do ensino médio, que demonstrava pouco interesse e envolvimento nas aulas de geografia, o plano de ações de pesquisa, ensino e extensão na escola foi construído. Este processo foi desenvolvido no período de junho de 2017 a fevereiro de 2018, supervisionado pelo professor de Geografia da referida turma, o docente especialista Olyjan Lopes, também bolsista de supervisão do PIBID. A elaboração do plano de ações foi pautado na problematização em torno da construção e edição de vídeos aplicados ao ensino de Geografia, enquanto um novo e atraente recurso voltado à faixa etária dos alunos, que pode contribuir para o envolvimento e apreensão de conhecimentos no que se refere principalmente a

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



especialização de fenômenos humanos e naturais dentro do contexto de sua cidade e mais especificamente no bairro do Marco – Belém-PA por parte do alunado na E.E.E.F.M Lauro Sodré.

Do ponto de vista psicossocial, precisamos compreender, segundo Arroio e Giordan (2006) que o “homem é um ser social que se constrói através das relações interpessoais e, desse modo, se faz necessário pensar em práticas pedagógicas em Geografia que permitam aos alunos em duplas ou grupos a interagirem sempre”.

O artigo está estruturado em três seções, sendo a primeira a apresentação da fundamentação teórica e análise dos processos de ensino e aprendizagem em Geografia; na segunda parte relatamos como a atividade foi desenvolvida e, na sequência, apresenta-se a análise dos resultados obtidos a partir do desenvolvimento do projeto.

## 2. OBJETIVO GERAL

O presente artigo teve como objetivos principais: socializar o envolvimento dos alunos no processo de construção do conhecimento geográfico, utilizando tecnologias na produção de recursos didáticos, a fim de consolidar os assuntos já vistos em aula expositiva; mostrar aos discentes que o processo de ensino e aprendizagem não acontece apenas no ambiente físico da sala de aula; e utilizar metodologias alternativas e participativas com a finalidade de tornar o momento de apreensão do conhecimento mais significativo, à medida que provoca a ação dos alunos na obtenção deste.

## 3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 3.1 Tecnologias Digitais no Ensino de Geografia: inimigas ou aliadas?

O ensino de Geografia, assim como as demais disciplinas, tem enfrentando enormes dificuldades para se situar em meio a avalanche de recursos tecnológicos que surgem ano a ano. São novos modelos de computadores, tablets, celulares, smartphones e outros que trazem consigo inúmeras possibilidades às atividades cotidianas da sociedade, dentre as quais destacamos neste trabalho as relacionadas à educação e

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



mais especificamente ao ensino-aprendizagem de professores e alunos. A ideia é pensar se tais recursos, em uma visão negativa do processo, podem retirar dos professores a função de ensinar, ou sob um viés positivo, serem fortes aliados em uma tão complexa tarefa de educar.

Acreditamos que as tecnologias são importantes, porém, sem a presença de um agente que possa decodificar informações e atribuir significados a esses recursos serão meros acessórios da educação, na medida em que, sozinhos, os alunos até acessam informações, todavia, sem o auxílio de profissionais competentes, ficam restritos a uma recepção de conteúdos de forma não crítica. Por isso, concorda-se com Libanêo (2014) no que se refere ao papel do professor, posto que o mesmo é responsável por dar condições cognitivas e afetivas aos alunos, para que sejam capazes de atribuir significados às mensagens e informações trazidas pelas diversas plataformas digitais por meio dos já citados aparelhos tecnológicos.

Em relação a função positiva dos meios tecnológicos é necessário destacar as formas como estes podem e devem ser utilizados, pois

A televisão e a Internet não são somente tecnologias de apoio às aulas, são mídias, meios de comunicação. Podemos analisá-las, dominar suas linguagens e produzir, divulgar o que fazemos. Podemos incentivar que os alunos filmem, apresentem suas pesquisas em vídeo, em CD ou em páginas WEB - páginas na Internet. E depois analisar as produções dos alunos e a partir delas ampliar a reflexão teórica. (MORAN, 2008).

Pesquisas realizadas por especialistas apontam que um profissional da educação leva de 5 a 6 anos para dominar linguagem informacional. Com isso, faz-se mais que necessários grandes investimentos em ambas as esferas, sejam elas privadas, municipais, estaduais ou federais, pois o discurso da inserção de tecnologias digitais na educação, e mais especificamente no ensino de Geografia, se não vier acompanhado de um apoio continuado, isto é, o processo de formação continuada desses professores, tal discurso continuará apenas no campo das ideias sem adentrar na resolução prática dessa importantíssima discussão. Ainda, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº. 9394/96, em seu Art.67, Título VI, “a formação de profissionais da educação terá como fundamentos: I) a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço” (BRASIL, 1996).

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



O uso de tecnologias enquanto elemento de balizamento entre o saber científico e a vivência dos alunos é um importantíssimo elemento de incentivo social e político rumo a uma sociedade menos preconceituosa e mais solidária (ALMEIDA, 2009). Isto é, o processo de aprendizagem torna-se mais significativo e contextualizado com a realidade do aluno. Porém, é necessário pontuar que quem deve mediar esse processo é o professor, pois se o uso de tecnologias estiver desarticulado do processo regular de ensino-aprendizagem serão praticamente insignificantes os resultados esperados pela escola e comunidade escolar.

Ao se discutir tecnologias digitais no ensino-aprendizagem é possível relacionar diversas delas e também ambientes direcionados a esse tipo de ensino como laboratórios de informática com o uso de computadores para aulas à distância, e o uso de tablets enquanto ferramenta de leitura e produção de textos ou a produção de vídeos feita por professores e alunos enquanto uma alternativa bastante interessante de construção de conhecimentos. Esta última possibilidade foi a norteadora de nosso projeto intitulado “A construção de vídeos autorais como recurso didático no ensino de Geografia” e, por isso mesmo, a seguir, fazemos uma breve discussão espaço-temporal sobre a utilização de vídeos na educação brasileira.

### 3.2 O vídeo no processo ensino-aprendizagem

Segundo Valente (1997), a informática na educação no Brasil e, mais especificamente, o uso do vídeo nasce através do interesse de alguns teóricos da educação de algumas universidades brasileiras, empolgados pelo que já vinha acontecendo em outros países como nos Estados Unidos da América e na França. Porém, segundo o mesmo autor, a implementação dessa ferramenta se deu de forma bem divergente se comparada a de outros países, pois, no Brasil, além da já conhecida má gestão dos recursos públicos, há ainda o agravante da falta de ações pedagógicas que realmente insiram as tecnologias digitais, a exemplo do vídeo no cotidiano da escola de forma construtiva ao conhecimento.

Na verdade, ao observar a realidade brasileira hoje, mais diretamente, vemos ainda a grande presença de um ensino tradicional pautado na mera instrumentalização de conteúdos e técnicas. Tal modelo de ensino afeta diretamente a forma como os recursos

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

digitais são operados, posto que muitas vezes também acabam sendo mero reprodutores de conhecimentos, no qual os alunos apenas recebem informações e não têm a oportunidade de construí-las significativamente. Fato bem frustrante, visível ainda em grande parte da rede educacional brasileira, seja privada ou pública. A realidade presente é que:

Não se encontram práticas realmente transformadoras e suficientemente enraizadas para que se possa dizer que houve transformação efetiva do processo educacional como por exemplo, uma transformação que enfatiza a criação de ambientes de aprendizagem, nos quais o aluno constrói o seu conhecimento, ao invés de o professor transmitir informação ao aluno. (VALENTE, 1997).

O vídeo é uma forma de linguagem muito importante na realidade da educação hoje, e pode e deve ser utilizada amplamente pelos professores, que podem usá-lo na forma de produção de pesquisas relacionadas às suas disciplinas e também como uma grande ferramenta de avaliação dos possíveis conhecimentos já consolidados nos estudantes.

Segundo Ferrés (1996) apud Arroio e Giordan (2006), um bom vídeo pode auxiliar na introdução de um novo assunto, a fim de fomentar a curiosidade, a motivação para novos conteúdos. Isso corrobora o desejo de pesquisa nos alunos, para aprofundar o assunto do vídeo e do conteúdo programático. Por exemplo, ao iniciar o tema sobre “Globalização”, o professor pode disponibilizar em sala ou em outro espaço físico da escola um filme que contextualize o assunto, e também ir ainda mais adiante, ao propor aos alunos a construção de vídeos curtos em seus próprios aparelhos celulares por meio de diversos aplicativos disponíveis, hoje, para edição, com o propósito de diagnosticar o entendimento deles sobre o assunto a ser estudado.

Além dos aspectos positivos já citados, a quebra de ritmo permitida pela apresentação e produção de um audiovisual é saudável, pois retira os alunos da posição de receptores de conteúdos e modifica a rotina da sala de aula, algo bastante positivo, dada a grande passividade constatada no modelo de ensino-aprendizagem atual.

Um filme ou dispositivo multimídia tem um forte cunho emocional e, por essa razão, induz a aprendizagem dos conteúdos propostos pelo professor. Ou seja, o sujeito apreende de maneira sensível, conhece por meio das sensações/emoções, demonstra-se

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**

**EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TEMPOS DE CRISE DEMOCRÁTICA**

Organização

Realização

Apoio





interessado diante dos estímulos dos sentidos, não apenas diante das teorias da razão (GUTIERREZ, 1978).

Por acreditar em um fazer pedagógico mais envolvente e, principalmente, atraente aos alunos, e no desenvolvimento de outras metodologias pelos docentes, destacamos que um dos objetivos mais relevantes do projeto foi mostrar de qual forma os estudantes se envolveriam e/ou se motivariam na produção de vídeos manuais, enquanto uma via ousada e importante para o desenvolvimento de competências atreladas à representação e percepção do espaço vivido pelo discente de Geografia do ensino médio.

Atina-se ainda a um olhar socioespacial mais articulado com a realidade do bairro onde está localizada a sua escola, no caso, o bairro do Marco, pois conforme Passini e Almeida (1989), por mais que as formas de relação espacial elementares não se materializem enquanto modelos precisos de localização, todavia, estas ainda estão no âmago de qualquer tipo de entendimento sobre o espaço geográfico e cartográfico. Desse modo, será explicado na sequência o projeto desenvolvido com os estudantes de uma turma do 1º ano do ensino médio da escola Lauro Sodré.

## 4. METODOLOGIA

### 4.1 A construção da problemática e o desenvolvimento das ações

Exatamente no início do mês de junho de 2017, iniciamos o projeto do PIBID na já mencionada escola, onde tivemos a oportunidade de atuar, em grande parte, nas turmas do ensino médio. Entretanto, uma das turmas chamou atenção, negativamente, no primeiro momento, pois os alunos eram bastante dispersos e demonstravam pouco interesse nas aulas do professor supervisor. Contudo, percebemos que eles usavam bastante o celular nas aulas e isso, no primeiro momento, configurava-se como um complicador para o processo de ensino-aprendizagem. Constatamos, dessa forma, que o uso indiscriminado de smartphones poderia ser adaptado aos processos didáticos pedagógicos.

Iniciamos o pré-projeto verificando os conteúdos que o docente ministrava à turma; a partir daí iniciamos o processo de revisão bibliográfica de alguns teóricos da educação,

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



que já haviam discutido em seus trabalhos o uso de tecnologias aliadas ao ensino. Na escolha dos assuntos, os quais foram abordados nos vídeos, como serão mais detalhados à frente, procuramos dar ênfase a assuntos que poderiam ser contextualizados com a realidade dos alunos, como por exemplo: a problemática constante de alagamentos na cidade de Belém, tanto no entorno da escola como nos bairros onde os alunos residem e outras questões relacionadas ao meio urbano, especialmente a mobilidade dificultada pelo excesso de carros e as condições difíceis dos meios de transporte intermunicipais.

Após as observações, iniciamos a elaboração da proposta para a construção e edição de vídeos manuais sobre conteúdos de Geografia desenvolvidos em sala de aula; para isso, foi solicitada a ida à biblioteca com a finalidade de que os estudantes pudessem reunir bibliografia necessária à construção do vídeo. Posteriormente, também foi solicitado um horário no laboratório de informática, a fim de que os alunos editassem os vídeos com maior facilidade. Para isso, foram organizados grupos de seis alunos para usarem os computadores ou conforme a disponibilidade do espaço do dia em questão, tal rigor visava estabelecer a mínima organização metodológica do trabalho.

Concomitante a isso foi iniciado outro método de pesquisa por meio de formulários na ferramenta Google Docs, que permitiu analisar a participação e aceitação dos alunos sobre tal atividade diferente da qual os mesmos estavam acostumados a realizar. Os resultados desse formulário serão discutidos mais adiante neste artigo.

A atividade da primeira parte consistiu em apresentar a proposta do projeto e dividir os grupos de trabalho (em até seis alunos). A segunda parte foi dedicada à escolha dos assuntos por parte de cada grupo; com isso, os estudantes foram indagados em relação a sua condição em relação à obtenção de computadores, câmeras ou celulares, por pelo menos um membro do grupo, a fim de que pudessem ser produzidos os vídeos. Outros questionamentos também foram feitos, como por exemplo, se alguém da turma já havia editado um vídeo antes, onde e como. Também foram perguntados acerca da possibilidade de sua imagem ser divulgada em grandes mídias sociais, como Facebook, por exemplo.

Certamente, esta última pergunta geraria dúvidas aos alunos, porém, isso já era previsto pelos bolsistas, posto que tal questão possui grande importância para o

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



envolvimento dos estudantes. Mediante tal fato, foram colocadas regras em relação à vestimenta dos alunos no momento da edição dos vídeos, bem como a não divulgação de seus rostos durante a filmagem, com o intuito de preservar a sua identidade.

No segundo momento foi feito um levantamento dos conteúdos com os quais os estudantes tinham maior familiaridade, sendo disponibilizados no quadro, a fim de evitar repetições nos temas.

Com isso, no terceiro encontro realizou-se uma visita à biblioteca da escola, com a finalidade de que os alunos pesquisassem sobre os conteúdos e pudessem ter maior embasamento teórico na produção de seus temas escolhidos, inclusive por meio dos computadores disponíveis e o acesso à internet.

No encontro seguinte fizemos na turma uma simulação de como produzir os vídeos manuais, para que os estudantes conhecessem e aplicassem as técnicas que envolvem a construção e a relação que deve ser feita com os assuntos estudados e os vídeos, buscando uma coerência entre eles.

Na quinta parte, os alunos se organizaram para gravar os vídeos, enquanto que a sexta foi dedicada às edições do material. Os estudantes tiveram autonomia na escolha dos programas que utilizariam para a edição dos vídeos, levando-se em conta o conhecimento e as habilidades dos integrantes de cada grupo. Na última etapa do projeto, os alunos entregaram os trabalhos audiovisuais. Os dois vídeos que recebemos dos grupos falavam sobre a influência humana relacionada à dinâmica natural da cidade de Belém, que está dentro do conteúdo de formação do espaço urbano, campo e cidade; e os tipos de coordenadas e projeções cartográficas, que são um dos tópicos estudados em orientação e localização no espaço geográfico.

Logo após o recebimento e avaliação dos vídeos, fizemos uma pequena exposição destes para as demais turmas como forma de contemplarem o bom trabalho realizado. Concluímos aplicando o questionário que buscava analisar e compreender diversos aspectos, tais como motivação, envolvimento, participação, desafios e conclusões obtidas com o projeto.

**Figura 1:** Pesquisa bibliográfica

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



Fonte: Gama (2017)

**Figura 2:** Exposição e debate dos vídeos produzidos



Fonte: Gama (2017)

## 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a realização do projeto, contando com a colaboração ativa dos estudantes, enquanto sujeitos protagonistas no processo ensino-aprendizagem, verificamos grandes avanços tanto em aspectos associados à aprendizagem dos conteúdos, como também observamos respostas positivas no que tange ao envolvimento e motivação dos alunos ao produzir esses trabalhos. Através dos vídeos autorais produzidos pelos estudantes foi observada a contribuição que esta metodologia alternativa traz à construção do conhecimento.

Vimos também, por meio das respostas ao formulário proposto, que a maioria da turma deixou de ver a Geografia como algo estático ou disciplina “decoreba”; outras contribuições positivas, segundo os alunos, foi o espaço de trocas entre os estudantes, Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



isto é, sua maior socialização fora do ambiente escolar, além de descobrirem uma função diferente da qual eles estavam habituados, tanto em relação aos vídeos como também à rede social Facebook, isto se referindo ao grupo criado nesta rede social para orientações do professor, dúvidas dos alunos e socialização do processo produtivo dos vídeos.

Outro dado relevante do questionário respondido pelos alunos foi em relação ao que eles perceberam como fatores mais positivos em relação ao projeto. Para cerca de 55% da turma foi, em primeiro lugar, conhecer aspectos gerais relacionados ao bairro do Marco, em Belém – PA, e, em seguida, estudar Geografia de maneira diferenciada foi algo visto muito positivamente pelos alunos, corroborando com a ideia de que a disciplina ministrada por nós não é algo preso à leitura e compreensão de temas que estão no livro didático, mas sim um conhecimento presente no cotidiano deles. E esse, com toda a certeza, era um dos maiores objetivos do projeto. Tais respostas enfatizam o pensamento de Nunes e Rivas (2013), ao afirmarem que o ensino de hoje não mais despende uma lista interminável de conteúdos, todavia, a obtenção de um saber pragmático, que faça o aluno analisar o lugar onde vive e suas relações de poder para compreender o mundo que o cerca.

Nas últimas décadas, a Geografia vem sendo questionada com relação à relevância ou não dos assuntos que trata. Alguns pensamentos mais radicais falam até na extinção da disciplina da matriz curricular oficial, outros, pouco menos extremados, apontam para a necessidade de uma reformulação geral em seus conteúdos. Em relação à necessidade de tal reformulação, destaca-se que

Ou a geografia muda radicalmente e mostra que pode contribuir para formar cidadãos ativos, para levar o educando a compreender o mundo em que vivemos, para ajudá-lo a entender as relações problemáticas entre sociedade e natureza e entre todas as escalas geográficas, ou ela vai acabar virando uma peça de museu. (VESENTINI, 2004, p. 220).

O grande fato é que os profissionais docentes e os bacharéis produtores de conhecimento geográfico precisam se autoavaliar, avaliar a proposição curricular nacional e discutir possíveis mudanças na organização curricular. Isso passa, principalmente, pelo fim da grande dualidade presente nas duas grandes áreas de estudo da disciplina, que são a Geografia física e a humana, pois tal dicotomia ainda é muito presente nos livros didáticos, segregados em capítulos sobre assuntos da Geografia física como, por exemplo, a estrutura do relevo, e em outros, os tópicos referentes à humana, como a

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



organização do espaço brasileiro. Tal segregação impossibilita uma visão holística da Geografia entre os discentes, a fim de que percebam, conforme Pereira (1989), que o espaço geográfico constitui-se em um espaço produzido onde a "primeira natureza" (espaço físico) já foi moldada pelo homem para a aquisição dos bens necessários a sua subsistência, na base material da sociedade e condição elementar da existência e manutenção social dos homens.

Visto isso, em relação aos docentes, destacamos que um projeto de inovação metodológica de ensino contribui, mesmo que inicialmente, para a formação continuada, pois essa discussão precisa ser melhor problematizada pelos professores em geral, a fim de que compreendam a urgência de reverem as práticas tradicionais de regência.

Todavia, em relação aos estudantes, foi possível ratificar ao final das atividades que ter a oportunidade de participar de um projeto tão diferenciado que oportunizou a utilização de ferramentas digitais, como o celular e computador, tão presentes em seu dia a dia, de forma integrada a uma disciplina escolar, fez toda a diferença, fato que despertou mais interesse, motivação e protagonismo na apreensão do conhecimento. Os vídeos autorais serão publicados em um canal do site de vídeos Youtube, a fim de que sejam exibidos a outros alunos e professores o quanto esses recursos podem contribuir com o ensino-aprendizagem de Geografia e também a outras disciplinas atualmente.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Metodologias diferentes e que envolvam a participação efetiva dos estudantes são necessárias nos espaços educacionais, pois isso possibilita um ensino-aprendizagem mais significativo, já que tira o aluno da posição de receptor passivo, tornando-o um produtor ativo do conhecimento. Em relação ao professor, destaca-se a grande mudança de perfil que um projeto como esse proporciona. Em nosso caso, em especial, percebemos que o pesquisador, talvez deixado um pouco de lado durante o início da graduação, foi despertado, e a motivação de utilizar e buscar novas tecnologias diferentes e interessantes ao aluno, de ensinar e aprender, está cada dia mais inserida em nosso processo formativo. Concluímos este texto ressaltando que nem sempre é fácil desenvolver uma atividade como essa nas escolas, especialmente as da rede pública de

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



ensino, devido a necessidades básicas de melhores condições de trabalho, as quais não serão citadas aqui, dado o tamanho da complexidade da questão.

Enfim, para a finalização deste artigo, vemos como extremamente necessária a inserção de novas metodologias que (re)encantem os alunos cotidianamente, a fim de que a ciência geográfica se torne mais presente no dia a dia, e não fique restrita somente aos livros didáticos e à academia, todavia, também, fomentando a construção de um cidadão mais consciente e crítico acerca da realidade que o cerca.

## 7. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini. **Gestão de tecnologias, mídias e recursos na escola**: o compartilhar de significados. Em aberto, v. 21, n. 79, 2009.

AMARAL, Raquel Maria Fontes P. **A geografia na escola**. Perspectiva, v. 6, n. 12, p. 9-44, 1989.

ARROIO, Agnaldo; GIORDAN, Marcelo. **O vídeo educativo**: aspectos da organização do ensino. Química nova na escola. v. 24, n. 1, p. 8-11, 2006.

GUTIERREZ, Francisco. **Linguagem total**: uma pedagogia dos meios de comunicação. Summus Editorial, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** Cortez Editora, 2014.

MORAN, José Manuel. Desafios da televisão e do vídeo à escola. **Integração das Tecnologias na Educação**, p. 96-100, 2005.

NUNES, Camila Xavier; RIVAS, CLFR. **Novas linguagens e práticas interativas no ensino de geografia**. Encontro de geógrafos de América Latina “caminando en una América Latina en transformación, v. 12, 2013.

PASSINI, Elza Y.; ALMEIDA, Rosangela D. **O espaço geográfico**: ensino e representação. 13.ed. São Paulo: Contexto, 1989.

VALENTE, José Armando; DE ALMEIDA, Fernando José. **Visão analítica da informática na educação no Brasil**: a questão da formação do professor. Brazilian Journal of Computers in Education, v. 1, n. 1, p. 45-60, 1997.

Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**



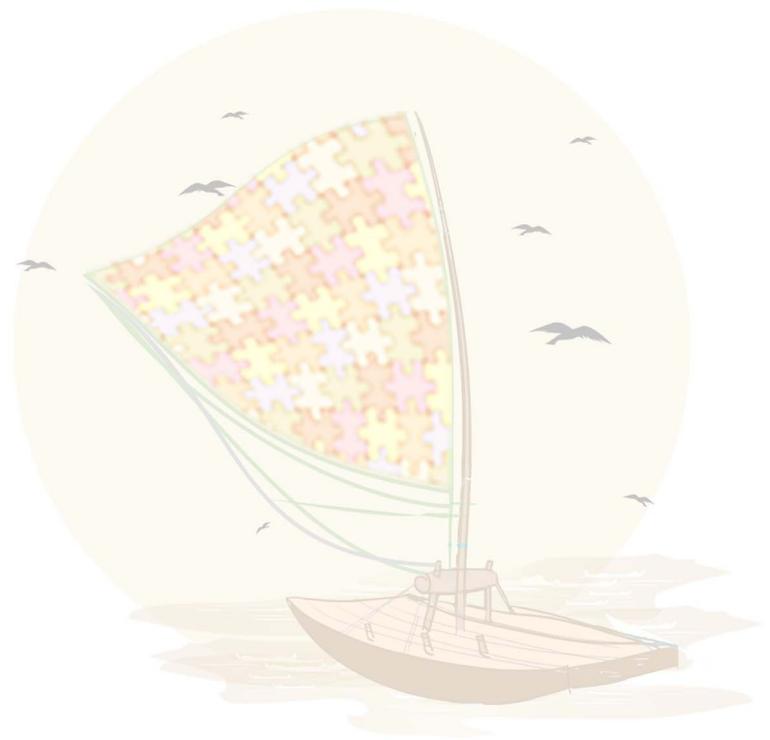
# VII ENALIC

VII ENCONTRO NACIONAL DAS LICENCIATURAS  
VI SEMINÁRIO DO PIBID  
I SEMINÁRIO DO RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA

05 a 07/12/18

FORTALEZA - CE

VESENTINI, José William. **O ensino de Geografia no século XXI**. Papyrus Editora, 2004.



Este artigo foi fruto de um projeto realizado no Programa de Bolsas de Iniciação a Docência e publicado no livro **“ENTRE A ESCOLA E A ACADEMIA- SABERES E FAZERES DA PRÁTICA DOCENTE NAS EXPERIÊNCIAS DO PIBID GEOGRAFIA”**

**EDUCAÇÃO E RESISTÊNCIA: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM TEMPOS DE CRISE DEMOCRÁTICA**

Organização

Realização

Apoio

